

A Orquestra 100% Mulher: a produção musical de mulheres instrumentistas em parte do contexto pernambucano

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO MÚSICA E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS E PRÁTICAS NA PRODUÇÃO SONORA DE MULHERES

Alice Emanuele da Silva Alves alicesalves12@gmail.com

Resumo: a Orquestra 100% Mulher é um grupo que existe faz 16 anos na cidade do Recife, Pernambuco. É a primeira orquestra só com mulheres a despontar e ter visibilidade no nicho carnavalesco e do frevo, sobretudo no cenário musical de Olinda, Recife e região metropolitana. O objetivo geral deste trabalho de pesquisa, em fase inicial, é trazer reflexões sobre os desafios e vivências, passadas e presentes, da atuação das musicistas em um ambiente profissional ainda majoritariamente masculino. Para construção metodológica e teórica da proposta foram usados os procedimentos de pesquisa de campo descritiva. E, também, a pesquisa bibliográfica baseada nas perspectivas de estudos sobre música, gênero, etnomusicologia e música popular. E, assim, contribuir como mais uma possibilidade de pesquisa da produção musical de mulheres em Pernambuco.

Palavras-chave: Orquestra 100% Mulher. Música. Gênero. Produção musical de mulheres.

The Orquestra 100% Mulher: the musical production of women musicians in part of the Pernambuco context

Abstract: The Orquestra 100% Mulher is a group that has existed for 16 years in the city of Recife, Pernambuco. It is the first orchestra with only women to emerge and have visibility in the carnival and frevo niche, especially in the music scene of Olinda, Recife and metropolitan region. The general objective of this research work, in the initial phase, is to bring reflections on the challenges and experiences, past and present, of the performance of the musicians in a professional environment still mostly male. For the methodological and theoretical construction of the proposal, the descriptive field research procedures were used. And, also, the bibliographic research based on the perspectives of studies on music, gender, ethnomusicology and popular music. And, so, it can contribute with one more possibility of mapping and research for the musical production and of women in Pernambuco.

Keywords: Orquestra 100% Mulher. Music. Genre. Music Production of Women.

1. Introdução

A Orquestra 100% Mulher é um grupo idealizado e criado em 2003 pelas clarinetistas da Banda Sinfônica do Recife, Carmen Pontes e Elisabete Bezerra, com o objetivo de preservar, divulgar, fortalecer e tocar frevo, no carnaval. Depois, até por uma necessidade profissional, passaram a atuar tocando em bailes, festas juninas, ciclo natalino etc. Carmen, que atua como maestrina, diretora musical e produtora executiva da 100% Mulher, e Elisabete, uma das saxofonistas, partiram da ideia de que essa formação exclusivamente de mulheres seria mais uma forma de fortalecimento, visibilidade, protagonismo, formação musical e de geração de mais oportunidades de trabalho para todas



em um mercado ainda hoje, passados 16 anos, predominantemente masculino, em que as dificuldades ligadas a preconceitos de gênero ainda existem.

A maior época de demanda profissional do grupo ainda é o carnaval. A Orquestra tem uma agenda bem diversificada no período, fazendo apresentações musicais em blocos de rua, clubes recreativos, festas particulares e palcos montados e financiados por prefeituras e pelo Governo do Estado. Com a consolidação e o reconhecimento do trabalho do grupo, outro ramo de atuação surgiu nas festas de final de ano, em eventos corporativos. A 100% Mulher, com uma proposta de valorização e organização profissional e reconhecimento de seu trabalho artístico, lida com seus contratantes como pessoa jurídica, respondendo como empresa.

As vantagens da Orquestra atuar como pessoa jurídica é que não dependemos de terceiros para receber o cachê e termos autonomia para reivindicar qualquer que seja a necessidade [profissional] da Orquestra (PONTES, em entrevista a Alice Emanuele da Silva Alves, em 19 de março de 2019).

Atualmente, na formação principal, orquestra de palco, são 17 mulheres dividindo-se entre os naipes de madeiras – dois saxofones, trompete e trombone, cordas – guitarra e baixo elétrico, percussão – bateria e percussão popular – e com duas cantoras. É importante ressaltar que a Orquestra 100% Mulher – que existe como proposta musical com reconhecimento artístico e profissional no meio carnavalesco recifense e pernambucano – exerce papel de abertura de mercado de trabalho na música para várias mulheres, em diferentes estágios de formação estudantil e profissional. Com isso, várias musicistas, em diversas fases da carreira, vão tendo mais oportunidades. A maestrina Carmen Pontes ressalta que, até por causas das possibilidades profissionais que foram surgindo, sentiu a necessidade de formar vários núcleos de atuação itinerante para o grupo.





Figura: Carmen Pontes. Foto: Alcione Ferreira. Fonte: Revista Continente.



Figura 2: Orquestra 100% Mulher em uma de suas formações. Fonte: página oficial do grupo no Facebook.





Figura 3: Orquestra 100% Mulher tocando no maior bloco carnavalesco de Pernambuco – o Galo da Madrugada. Fonte: página oficial do grupo no Facebook.

2. Orquestra 100% Mulher e os seus enfrentamentos num mercado ainda tão predominantemente masculino

Apesar da Orquestra 100% Mulher sempre procurar ter contínuo cuidado com a formação musical e a valorização de suas profissionais – além de atenção às tendências de mercado, fazer ensaios, pensar inovações de repertório, de arranjos, de concepção artística, presença de palco e figurino –, questões de preconceito quanto ao gênero ainda são muito fortemente vividas:

O maior desafio ainda é enfrentar esta sociedade machista e o mercado musical, onde acreditam que a mulher até pode tocar, mas que não é a mesma coisa que um homem tocando, ainda mais o frevo, que é uma música de difícil execução. Outro desafio é a busca incansável de uma melhor valorização e reconhecimento do trabalho e da contribuição que estamos dando à história do frevo (PONTES, em entrevista a Alice Emanuele da Silva Alves, em 19 de março de 2019).

Ao perceber e tentar dialogar teoricamente com este depoimento de Carmen Pontes, creio que é possível levantar questões de pesquisa sobre música e gênero, para entender algumas das vivências e desafios da atuação e da produção de mulheres profissionalmente na música. Trazendo o olhar de Koskoff (1991), que traz conexões entre gênero, poder e música, a performance em música, estar num palco, chamar a atenção para si, é um lugar de poder, e de certo controle também, em várias frentes sociais e culturais.



Women who perform music thus accumulate a threefold portion of potential out of control—ness: the out of control—ness associated with music as natural sound, the out of control—ness of music as a vehicle to the spirit-emotional world, and the out of control—ness associated with their fertility. Males who perform music share the first two categories of out of control—ness with their female counterparts, but it is the out of control—ness that women amass by virtue of their fertility that pushes the power dynamic out of balance. [...] The underlying fear might be simply stated as follows: if women create or perform music, nature and the supernatural might run amok, women might become sexually insatiable or withdraw their sexuality, and, most important, sound will not turn into music and thus will not be effective in human communication or in mediating the spirit world. Therefore, sexually active, fertile women (and any other groups of women or men perceived as potentially out of control) must be restricted, as their connection to out of control—ness is seen as threatening to the social and sexual order (Koskoff, 1991, p. 84).

O fazer musical está entrelaçado com perspectivas que vão além do palco, que atuam numa dimensão social, cultural e histórica, podendo estar atrelado a processos de dominação e de preconceitos. Domenici (2012) aborda questões de performance musical e o gênero feminino e destaca a visão de Shepherd sobre o que se refere "à relação que som e escrita estabelecem com a divisão de gêneros" (p. 91).

A cultura definida pelos homens é projetada de volta à natureza; mulher, enquanto *objetos*, são igualadas ao mundo natural ou material e, consequentemente, estão sujeitas ao controle unilateral dos homens. O controle sobre a reprodução cultural compensa a ausência de centralidade no processo biológico de reprodução, e em lugar algum esse controle é mais eficazmente exercitado do que no mapeamento e procedimentos de notação – entre os quais a música ocupa um lugar de destaque – os quais facilitam e restringem os processos de reprodução cultural. (SHEPHERD, 1996, p. 154-155 *apud.* DOMENICI, 2012, p. 92).

Como Seeger (1992) define, um olhar embasado em uma etnografia da música vai além da perspectiva teórica, do registro escrito dos sons, e segue por uma abordagem que busca compreender a concepção, a criação, a apreciação e as possíveis influências entre os processos sociais e musicais, tanto no grupo quanto nos indivíduos. Tanto Cusick (1994, *apud* ROSA, 2010, p. 6) quanto Rosa (2010) buscam entender o processo de performance a partir de um contexto social que vai tratar o produto da escuta musical também a partir dos sujeitos que produzem a música. Cusick (1994 *apud* ROSA, 2010, p. 6):

[...] e metáforas de gênero realmente circulam completamente no discurso de uma sociedade, parece lógico que metáforas de gênero estejam circulando na música de uma sociedade – nos sons que os/ as compositores/as escolhem, nos modos pelos quais as pessoas escutam estes e nas associações que estes fazem com eles (CUSICK,1994 *apud* ROSA, 2010, p. 6).



Um grupo só de mulheres com tamanha consciência e preparação profissional, que tem em seu repertório três músicas autorais e conta com arranjos feitos por nomes importantes da música pernambucana, como Maestro Duda e Spok, a Orquestra 100% Mulher com sua atuação ainda questiona e desestabiliza estruturas de poder no mercado musical do Recife, Olinda e região metropolitana. "Somos profissionais da música, competentes, aptas ao trabalho e apaixonadas pelo frevo" (PONTES, em entrevista a Alice Emanuele da Silva Alves, em 19 de março de 2019). São 16 anos atuando na cena musical pernambucana, tocando em importantes polos carnavalescos, com uma carreira musical já consolidada, abrindo caminhos de formação musical e profissional para muitas mulheres e os enfrentamentos do início ainda persistem. E surpreende à medida que percebem que "elas tocam mesmo", como vi algumas vezes as musicistas relatarem.



Referências:

DOMENICI, Catarina Leite. A performance musical e o gênero feminino. In: NOGUEIRA, Isabel; Campos, Susan (orgs.). *Estudos de gênero, corpo e musica*: abordagens metodológicas. Série Pesquisa em Música no Brasil. 1ª ed. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013, v. 3, p. 89-109.

KOSKOFF. Ellen. Gender, Power and Music. In: *The Musical Women*: An International Perspective. ZAIMONT, Judith Lang (ed.). Vol. III – 1986-1990. New York: Greenwood Press, 1991, p. 769-788.

PONTES, Carmen Lemos. Entrevista de Alice Emanuele da Silva Alves em 19 de março de 2019. Recife. Registro escrito.

SEEGER, Anthony. Ethnography of Music. In: MYERS, Helen (org.) *Ethnomusicoloy. an Introduction*. London: The MacMillan Press, 1992, pp. 88-109.

Notas

¹ As mulheres que executam música, assim, acumulam uma porção tripla de potencial fora de controle: o descontrole associado à música como som natural, a falta de controle da música como veículo para o mundo espiritual-emocional e a falta de controle, associado à sua fertilidade. Os machos que tocam música compartilham as duas primeiras categorias de fora de controle com suas contrapartes femininas, mas é a falta de controle que as mulheres acumulam em virtude de sua fertilidade que empurra a dinâmica de poder desequilibrada. [...] O medo subjacente pode ser simplesmente declarado da seguinte forma: se as mulheres criam ou tocam música, a natureza e o sobrenatural podem enlouquecer, as mulheres podem tornar-se sexualmente insaciáveis ou retirar sua sexualidade e, o mais importante, o som não se transformará em música e assim, não será eficaz na comunicação humana ou na mediação do mundo espiritual. Portanto, mulheres sexualmente ativas e férteis (e quaisquer outros grupos de mulheres ou homens percebidos como potencialmente fora de controle) devem ser restringidos, já que sua conexão com fora de controle é vista como ameaçadora à

ordem social e sexual (KOSKOFF, 1991, p. 84, tradução minha).